

Sobre a assim chamada “poesia lírica”

Raphael Paiva Avelino

Mestrando em Filosofia na UERJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/6055513879669930>

raphaelpaivaavelino@gmail.com



Dos resumos possíveis, considereei ser o mais adequado para esta ocasião um que repisasse os passos da estranha questão – ao menos segundo as expectativas mais comuns envolvendo trabalhos na área de “estética” – que ultimamente norteia uma grande quantidade dos meus pensamentos em torno da prática poética.

Nesse contexto, a primeira perturbação filosófica se arranhou segundo a gramática de uma filosofia primeira: “bem, mas o que é isto?”. Em algum momento, alguém pareceu ter dito: “Ora, isto é um poema lírico; aquele, um épico” etc., o que, de fato, bastou-me por muito tempo. Admitindo, portanto, irrestritamente a existência de “poemas líricos”, minha primeira tentativa de síntese a esse respeito, profundamente enraizada na obra tardia de Lukács, dirigiu-se precisamente no sentido de uma “teoria materialista do gênero lírico”. Da prática poética propriamente dita e do contato mais intenso com obras das mais diferentes épocas e tradições, contudo, armou-se uma série de outros pensamentos, os quais, por sua vez, minavam fundamentos tidos até então como absolutamente seguros.

Seguindo Lukács – e este, em grande medida, muitos outros, especialmente Hegel –, passei a chamar de “lírica” um gênero poético cuja marca distintiva em relação aos outros (a saber, a épica e o drama) é não simplesmente a “aberta emergência da subjetividade constitutiva”, mas sua “específica e visível ação” (Lukács, 2009, p. 246). Mas pareceu-me suficiente para desconfiar da validade universal dessa tese – e, em verdade, desse modelo que tenho chamado “teoria clássica dos gêneros”, consolidada entre fins do século XVIII e início do XIX – sua incapacidade de fornecer condições necessárias e suficientes para que determinado objeto seja um “poema lírico”, sobretudo quanto mais distantes das expectativas de determinada tradição.

Isso fosse reduzido a uma questão, não perderia, penso, ao fazê-lo assim: sob que condições um juízo como “*Harpa esquisita* é um poema lírico” pode ser considerado verdadeiro ou falso? Supõe-se o trivial: apenas uma vez que se sabe o que é um “poema



lírico”, e isso remonta à poética de um povo. Compreendê-la é lançar luz sobre suas regras. Nesse caso, uma análise das contribuições dos que, antes de todos, lançaram os dados – Platão e Aristóteles, passando, claro, pelos gramáticos de Alexandria – a Hegel e Lukács, os últimos grandes legisladores do gênero. Em grande medida, é disto que se trata a minha pesquisa: uma genealogia da lírica, uma investigação de seus limites, da qual aqui, porém, gostaria de explorar não mais do que alguns pontos iniciais.

Palavras-chave: Estética. Poesia. Gênero. Lírica.

Bibliografia

LUKÁCS, G. *Die Eigenart des Ästhetischen*. Berlin: Luchterhand, 1963.

_____. *A característica mais geral do reflexo lírico*. In: *Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

WEITZ, M. *The Role of Theory in Aesthetics*. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. Oxford, vol. 15, n. 1, pp. 27-35, Sep. 1956.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Edição: Revised 4th edition by P.M.S. Hacker and Joachim Schulte. Tradução: Gertrude Elizabeth Margaret Ascombe. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009.